

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA | INÊS BOGÉA

LA SYLPHIDE

DE MARIO GALIZZI

A PARTIR DA OBRA DE BOURNONVILLE



PETITE MORT DE JIRÍ KYLIÁN

POR VOS MUERO DE NACHO DUATO

IN THE MIDDLE, SOMEWHAT ELEVATED DE WILLIAM FORSYTHE







LUIZA YUK E YOSHI SUZUKI
COMO LA SYLPHIDE E JAMES



A estreia do balé clássico *La Sylphide* é certamente um dos pontos altos da nova temporada da São Paulo Companhia de Dança no Teatro Sérgio Cardoso, espaço privilegiado que se tornou recentemente a casa fixa do grupo artístico na capital paulista. Para a Secretaria de Estado da Cultura, é muito importante destacar a união destes dois programas artísticos, que têm somado forças com o objetivo de encantar o público e conquistar novas plateias – tarefa desempenhada com sucesso nos últimos anos.

Outro motivo para comemorar é o início da série de assinaturas 2014 da SPCD, iniciativa que possibilita a compra de um pacote de espetáculos por um preço muito mais acessível e tem atraído cada vez mais espectadores para as diferentes récitas da Companhia. Dessa forma, o grupo dá continuidade às ações de democratização do acesso do público a produções artísticas de qualidade, uma das principais diretrizes do Governo do Estado de São Paulo no âmbito da cultura.

Além da estreia *La Sylphide*, romance clássico revisitado pelo coreógrafo argentino Mario Galizzi, o público também terá a oportunidade de conferir ao longo de junho outros destaques do repertório da SPCD: *Petite Mort*, *Por Vos Muero* e *In The Middle, Somewhat Elevated*.

Ótimo espetáculo a todos!

Secretaria de Estado da Cultura

FOTOS: ACERVO SPCD, E WILIAN AGUIAR



AMMANDA ROSA, EMMANUEL VAZQUEZ E JOCA ANTUNES,
COMO EFFIE, JAMES E GURN



PROGRAMA 1

Um conto de fadas do balé, por Inês Bogéa	09
<i>La Sylphide</i>	13
Sinopse	18
Conversa com os criadores	24
Currículo dos criadores	30

PROGRAMA 2

Continuidades e rupturas, por Inês Bogéa	39
<i>Por Vos Muero</i>	43
Tradução de trechos de poemas de Garcilaso de la Vega, por Nelson Ascher	44
<i>In the Middle, Somewhat Elevated</i>	47
<i>Petite Mort</i>	49

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Produção e circulação de espetáculos	50
Educativo e formação de plateia	51
Registro e memória da dança	52
Expediente	54

Todos os espetáculos contam com recursos de audiodescrição, janela de libras e legendagem



PROGRAMA 1

LA SYLPHIDE (ESTREIA)

DE MARIO GALIZZI A PARTIR DA OBRA DE BOURNONVILLE





LUIZA LOPES
COMO LA SYLPHIDE



Um conto de fadas do balé

A ideia que organiza a temporada de 2014 é a tradição viva no corpo de hoje, um presente intenso impregnado de passado sugerindo um futuro. Fazer parte de uma tradição é ser capaz de renovar, cultivar e reinventar o passado no presente. É vivo tudo o que nutre, o que interessa, o que tem sucessivas etapas de contestação e renovação do passado. Este ano colocamos, lado a lado, tanto obras de diferentes gêneros da dança clássica quanto obras contemporâneas, provocando um pouco o olhar para perceber o que é continuidade e o que é ruptura nessa grande trajetória da dança cênica ocidental.

Começamos a temporada no Teatro Sérgio Cardoso com *La Sylphide*, um conto de fadas para todas as idades. Ele marca o início da história do balé clássico romântico, no qual a dupla aparição feminina – sensual e etérea – simboliza a dualidade do corpo e do espírito.

A obra, criada por Mario Galizzi para a São Paulo Companhia de Dança, parte do original do dinamarquês August Bournonville (1805-1879), composto em 1836 para o Ballet Real da Dinamarca,¹ depois que Bournonville assistiu à versão de Filippo Taglioni (1777-1871) para o Ballet de l'Opéra de Paris². A coreografia de Bournonville traz solos desafiadores, pelo uso da técnica dinamarquesa, que apresenta movimentos ágeis, velozes e virtuosos dos pés; pela sustentação da posição dos braços, em muitos momentos, ao lado do corpo, ressaltando o movimento do torso e dos pés; e pelo emprego da música para acentuar as dinâmicas no movimento. A obra de Bournonville incorpora também muito do folclore de seu país. Ele encomendou ao compositor norueguês Herman von

1 - Na estreia, a obra teve nos papéis principais a bailarina Lucile Grahn (1819-1907) e o próprio Bournonville.

2 - Em 1832, Taglioni criou *La Sylphide* para a filha, Marie Taglioni (1804-1884), que dançou o balé inteiro nas pontas, com música de Jean Schneitzhoeffter (1785-1852). *La Sylphide* de Taglioni permaneceu no repertório do Ballet de l'Opéra de Paris até 1863, vindo a ser reconstituído por Pierre Lacotte em 1972. No Brasil, a primeira vez que se viu *La Sylphide* foi em 1848, no Theatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro.

Lovenskjold (1815-1870) uma nova música para o balé. A versão de Bournonville passou de geração a geração pela permanência da obra no repertório do Ballet Real da Dinamarca.

No século XIX, a estreia de *La Sylphide* na versão de Taglioni tinha sido uma revolução no mundo do balé, por várias razões: engenhocas carregavam as sylphides pelos ares; a coreografia apresentava movimentos que sugeriam elevação, pela proliferação de saltos e arabesques (uma perna esticada no chão e outra esticada no ar); a roupa da bailarina (o *tutu*)³ apresentava leveza e fluidez; e talvez a maior das novidades, a sapatilha de ponta, que contribuiu para definir uma nova linguagem. Como num sonho, *La Sylphide* sobrevoa o palco nas suas delicadas pontas, etérea e imponderável. Diferentemente dos seres terrenos, ela parece desprendida da gravidade. Esse jogo de ilusão foi reforçado pela introdução da iluminação a gás, uma invenção dessa época (a Revolução Industrial) que, em 1822, tinha sido instalada na Ópera de Paris; e pela prática de descer as cortinas entre os atos, ocultando as mudanças mecânicas da cena.

O roteiro de *La Sylphide* é do francês Adolphe Nourrit (1802-1839). Este se inspirou livremente no conto *Trilby*, ou *Le Lutin d'Argall* (1822), do também francês Charles Nodier (1780-1844). James, o protagonista escocês do balé, vive momentos intensos ao lado de três figuras femininas que o cercam e influenciam seu caminho: *La Sylphide* (um ser alado da floresta) traz para a cena o sonho, a liberdade e a paixão; *Effie* (a noiva de James), a realidade e o cotidiano; *Madge* (a feiticeira), a traição, a hostilidade, o desprezo e a vingança. No primeiro ato, todos estão numa casa, num ambiente familiar, conhecido e acolhedor, protegidos entre seus pares. Vivem os preparativos para a festa de casamento de James e *Effie*, com os encontros e desencontros do amor – *Gurn*, o administrador da fazenda, ama *Effie*, e James vive entre o amor e o sonho. *La Sylphide* e a feiticeira aparecem ou desaparecem pelas aberturas da casa (chaminé, janelas e portas),

3 - O artista francês Eugène Lami (1800-1890) criou novas roupas para as bailarinas: um corpete justo trançado e uma saia esvoaçante de gaze branca (o *tutu*), que marcaram para sempre a imagem da bailarina.

ressaltando a relação entre dentro e fora, natural e sobrenatural, juventude e velhice, ambivalência, ambiguidade e fragilidade. No segundo ato, temos o espaço livre e desconhecido da floresta e encontramos um mundo imaginário, permeado de personagens fantásticas, como as sylphides, a feiticeira e os bruxos, com suas magias. E, por essas paisagens, passam homens e mulheres da comunidade, procurando amores, amigos, aventuras e ideais.

Os três distintos grupos presentes na obra trazem diferentes qualidades e significados de movimento. A comunidade de James dança inspirada no folclore céltico-escocês. Uma dança marcada pelo espírito de cooperação e coesão social, na qual se veem movimentos sincronizados, com que os grupos desenham e redesenham o espaço, traçando várias figuras (como círculos, linhas, diagonais) com passos cada vez mais complicados, enérgicos, percutindo os pés no chão. O grupo das sylphides faz movimentos delicados, aéreos, deslizando sobre a terra e buscando a elevação. A feiticeira e os bruxos, seres que vivem na natureza e lembram o grotesco da vida, têm gestos angulares e assimétricos. De frágil e velha no primeiro ato, a feiticeira retorna no segundo ato em seu elemento, com todos os seus poderes. Vemos em cena o real e a fantasia, o etéreo e o natural.

É um balé que atravessa gerações por conter temas atemporais como o amor, o casamento, a sexualidade, a natureza humana, o relacionamento entre pares e entre seres diferentes, a liberdade, as dúvidas e os questionamentos do homem diante de si mesmo e dos seus sonhos.

Inês Bogéa

Diretora Artística da São Paulo Companhia de Dança



EMMANUEL VAZQUEZ
COMO JAMES

FOTOS: ACERVO SPCD E ARTHUR WOLKOVIER



La Sylphide (1836)

Coreografia: Mario Galizzi, a partir da obra de August Bournonville (1805-1879)

Música: Herman von Lovenskjold (1815-1870)

Cenário: Marco Lima

Iluminação: José Luis Fiorruccio

Figurino das sylphides: Marilda Fontes

Figurino das demais personagens: Beth Filipecki

Elenco:

La Sylphide, ser alado da floresta | Luiza Lopes* ou Luiza Yuk**

James Ruben, fazendeiro | Emmanuel Vazquez* ou Yoshi Suzuki**

Effie, sobrinha de Ana, noiva de James | Ammanda Rosa* ou Pamela Valim**

Nancy, amiga de Effie | Thamis Prata* ou Artemis Bastos**

Gurn, administrador da fazenda | Joca Antunes* ou Rodolfo Saraiva**

Ana Ruben, viúva, mãe de James | Beatriz Hack* ou Fernanda Verardo**

Madge, a feiticeira | Ana Paula Camargo* ou Michelle Molina**

Bruxos | Flávio Everton, Rafael Gomes, Diego de Paula, Lucas Axel, Binho Pacheco

Grupo Mulheres | Aline Campos, Andressa Ribeiro, Ana Roberta Teixeira, Carolina Pais, Danyla Bezerra, Letícia Martins, Morgana Cappellari, Olívia Pureza, Pamela Valim ou Ammanda Rosa, Roberta Bussoni

Grupo Homens | Tendo Pereira* ou Cauê Duarte**, Geivison Moreira* ou Glauber Vaz**, Diego de Paula, Rodolfo Saraiva* ou Igor Silva**, Daniel Reça* ou Ruan Martins**, Nielson Souza, André Grippi* ou Flávio Everton**, Leony Boni* ou Binho Pacheco**, Lucas Axel* ou Jonas Moraes**, Vinícius Vieira

Músicos | Rafael Gomes, Lucas Valente, Bruno Veloso

Copeira | Anna Carolina Truzzi

Sylphides Solistas | Aline Campos, Morgana Cappellari, Danyla Bezerra e Ana Roberta Teixeira

Sylphides Conjunto | Renata Alencar, Renée Weinstrof, Artemis Bastos* ou Thamiris Prata**, Andressa Ribeiro, Pamela Valim* ou Ammanda Rosa**, Letícia Martins, Roberta Bussoni, Olívia Pureza, Fernanda Verardo* ou Beatriz Hack**, Anna Carolina Truzzi, Carolina Pais, Mariana Carossa, Michelle Molina* ou Larissa Lins**, Cíntia Pimentel

Sylphides Voadoras | Luiza Yuk* ou Luiza Lopes**, Larissa Lins* ou Pamela Valim**, Thamiris Prata* ou Artemis Bastos**

Cortejo | Larissa Lins* ou Ana Paula Camargo**, Luiza Yuk* ou Luiza Lopes**, Thamiris Prata* ou Artemis Bastos**, Ammanda Rosa* ou Pamela Valim**, Beatriz Hack* ou Fernanda Verardo**, Rodolfo Saraiva* ou Igor Silva**, Joca Antunes* ou Rodolfo Saraiva**, André Grippi* ou Flávio Everton**, Leony Boni* ou Jonas Moraes**, Rafael Gomes, Lucas Valente, Bruno Veloso

* Apresentações nos dias 11,14,19 e 21 de junho

** Apresentações nos dias 13,15,20 e 22 de junho

Os demais se apresentam todos os dias

Os espetáculos dos dias 19 e 20 de junho serão gravados pela SPCD.

“Dança é conexão, é trabalho de alma e é a vibração que move, desde 2008, a São Paulo Companhia de Dança, sob a direção artística de Inês Bogéa. Como é de praxe no trabalho da companhia, todo ano eles se dão a tarefa de executar pelo menos uma nova coreografia ou um espetáculo de maior erudição, capaz de exigir dos jovens bailarinos do grupo sua maestria e seu aprendizado virtuoso.”

por Olívia Mindêlo | Jornal do Commercio, Recife (PE) | janeiro, 2014

Colaboradores

Preparação em interpretação: Vivien Buckup

Assistente de figurino e confecção: Ateliê Sandra Fukelmann

Execução de Cenografia: Marcenaria Genotécnica Denis Nascimento

Coordenação de Execução Cenográfica: Jorge Ferreira Silva, Denis Nascimento

Assistentes de Execução Cenográfica: Jonas Soares, Alicio Silva, Karen Luizi

Produção Cenográfica: Mariana Chiarello, Patricia Gaspareti

Pintura da Floresta: Vincent, Eduardo, Alex Berlin

Pintura de Arte e Adereços Cenográficos: Karen Luizi, Alicio Silva, Julia Lopes, Michael Almeida, Caio Hirobara, Marcelo Thome, Agda Camila, Isabella Neves, Raisa Rocha, Jacqueline Nascimento, Rosana Rocha

Cenotécnicos: João Pereira, Gilberto Pereira, Rouxinol, Marcio Feitosa, Andre Rodrigues, Antonio Augusto, Guilherme Nascimento, Renato dos Santos, Reginaldo Nascimento

Serralheria: Givaldo Gomes

Costura do Cenário: Chirssie Manzarotto

Equipamento de Voo: Jorge Ferreira Silva, Denis Nascimento

Consultoria do Cenário: Rodrigo Checaroni

Administração Cenográfica: Isabela Nascimento

Visagismo: Eliseu Cabral

“Com 29 coreografias em apenas seis anos e mais de 85 apresentações a cada temporada, a São Paulo Companhia de Dança vai além dos palcos. Desde seu início, a companhia foi responsável por 26 documentários da série “Figuras da Dança”, além de sete documentários da série “Canteiro de Obras”, cinco livros de ensaios e muito mais em seus programas educativos.”

por Cinthya Oliveira | Hoje em Dia, Belo Horizonte (MG) | janeiro, 2014



AMMANDA ROSA, EMMANUEL VAZQUEZ, BEATRIZ HACK, ANA PAULA CAMARGO, JOCA ANTUNES E THAMIRIS PRATA COMO EFFIE, JAMES, ANA, MADGE, GURN E NANCY





LA SYLPHIDE

CENAS

1º Ato



O sonho de James

É o dia do casamento de James Ruben, um fazendeiro da Escócia, que mora com a sua mãe, Ana, viúva há muitos anos. Ele vai se casar com Effie, sobrinha da Ana. Cansado dos afazeres da fazenda, James adormece na sala perto da lareira e sonha. La Sylphide, um ser alado da floresta, dança ao redor de James, como um sopro de ar, esvoaçando em volta do rapaz e o encantando com sua suavidade e frescor. Quando James desperta, o sonho lhe parece real.

Festejos antes do casamento

Effie chega à casa de James e estranha o jeito distante do noivo, justamente no dia do casamento. Gurn, o administrador da fazenda, apaixonado por Effie, observa tudo ao redor e oferece flores à amada, que as recusa, pois só tem olhos para James. Amigos e vizinhos chegam trazendo presentes para o jovem casal. E James declara seu amor a Effie, que fica alegre e desfruta com os amigos os preparativos da grande festa.





Madge, a feiticeira, prevê o futuro

De repente, perto da chaminé, surge Madge, uma feiticeira. Ela entra bem no instante em que James envolve Effie com o xale do clã, e Madge zomba deles. James fica irritado, pois a feiticeira ri da tradição escocesa: a noiva, ao se casar, passa a vestir as cores do novo clã. Furioso, James tenta colocar Madge para fora da casa, mas Effie o convence a deixá-la ficar, para que a feiticeira preveja o futuro. Madge lê a mão das moças: a primeira terá muitos filhos, e eles serão saudáveis; a segunda não terá filhos; a terceira já está grávida antes de casar; e Effie será feliz, mas com Gurn, não com James. Este, fora de si, expulsa Madge, que jura vingança.

La Sylphide retorna

Effie vai com Ana se vestir para o casamento. James fica sozinho e pensativo. La Sylphide aparece na janela. Ela revela a James seu amor e diz estar triste porque o rapaz não quer ir com ela. Brincam, e La Sylphide se cobre com o xale do clã de James, justamente no momento em que entra Gurn. Este a vê e corre para chamar a todos. James esconde La Sylphide, e, quando os outros chegam, não há nada que possa confirmar o que Gurn contou.



LA SYLPHIDE

CENAS

1º Ato



O casamento

Na festa de casamento, James dança com Effie e com os amigos. Em meio às danças, ele sonha acordado com La Sylphide e parece distraído e preocupado, pois somente James vê La Sylphide, que passa entre todos. Em alguns momentos, James se afasta do grupo em busca de seu sonho. Effie, porém, o reconduz para o grupo.

La Sylphide leva James

La Sylphide reaparece mais uma vez e insiste em que James vá com ela. Como ele fica em dúvida, La Sylphide pega a aliança de casamento e voa em direção ao bosque, seguida por James. Effie se dá conta de que perdeu seu amor e fica desolada.





ALINE CAMPOS, MORGANA CAPPELLARI E
ANA ROBERTA TEIXEIRA COMO SYLPHIDES

LA SYLPHIDE

CENAS

2º ATO



Feitiçarias

Em plena noite de lua cheia, no fundo da floresta, Madge tece sua vingança e prepara com seus ajudantes uma poção mágica. O que será que ela planeja?



O reino das sylphides

Em outra parte da floresta, vemos James e La Sylphide, que mostra seu reino ao amado. Ela lhe traz frutos e água fresca, brinca com ele e lhe apresenta as irmãs, que dançam para eles e com eles.





À procura de James

Enquanto as sylphides dançam, os amigos de James o procuram por todos os cantos da floresta, até que Gurn encontra a boina de James. Madge o convence não só a não revelar a descoberta, como também a persuadir os demais a abandonarem a busca. Gurn vai atrás de Effie; ao achá-la, ele lhe propõe casamento.

Nesse meio-tempo, Madge encontra James, que lhe pede ajuda. O plano da feiticeira começa a dar certo: ela oferece a James um xale vaporoso e lhe diz que, se ele envolver La Sylphide com esse xale mágico, ela se tornará mortal.



A morte de La Sylphide e o casamento de Effie e Gurn

Ansioso por ter a amada para sempre em seus braços, James, sem se dar conta da maldade de Madge, dança com La Sylphide e a envolve com o xale. No mesmo instante, La Sylphide começa a ficar tonta, e suas asas caem por terra. As outras sylphides vêm socorrer a irmã. Antes de morrer, La Sylphide devolve a aliança a James. E, nesse momento, diz a ele: “Eu lhe disse que você não podia me tocar. Para me encontrar, voe e sonhe comigo”.

Ao ver morta a amada, James desmaia, mas Madge volta e o faz ver o casamento de Effie e Gurn.





Conversa com os criadores

Sobre a obra

Mário Galizzi: *La Sylphide* é uma obra romântica, que continua viva e atual. O romantismo sempre vai existir, é o destino, mesmo que a pessoa não queira tampouco entregar-se a isso. Assim como em *La Sylphide*, James procura um ideal na vida. Nós também estamos sempre em busca de um ideal. Quando morei na Alemanha, na década de 70, o Royal Danish Ballet apresentou *La Sylphide* de Bournonville na Ópera de Düsseldorf. Fiquei tão impressionado com essa versão, ágil, concisa e bela, que a ideia de remontar essa obra sempre me seduziu. Fiz remontagens para várias companhias como o Balé del Sur de Bahía Blanca, a Companhia do Teatro Municipal de Lima, o Balé do Mercosul, o Balé de San Juan de Porto Rico, o Balé do Teatro Argentino de La Plata, o Balé do Sodre e agora crio para a São Paulo Companhia de Dança. Cada vez que coreografo para uma companhia posso perceber diferentes acentos, aqui vejo em especial a alma brasileira. O objetivo é montar um espetáculo que permita aos jovens se identificarem com o que acontece no palco, e também que os conhecedores da obra sintam que ela permanece viva.

Criação

Galizzi: Criei esta versão inspirada na obra de Bournonville. Ela é concisa, intimista e sintetiza muito bem as ideias da obra. Há diferenças da versão de Felippo Taglioni, por exemplo: as cenas do primeiro ato são inspiradas no folclore escocês ou celta – estilizado, evidentemente. No primeiro ato, dança-se com sapatos de balé, não com sapatilhas de ponta ou de meia ponta, com exceção da *La Sylphide*. Depois, no segundo ato, quando

prevalece o estilo romântico, ele é mais parecido com a versão de Taglioni, embora com certas diferenças na personagem da La Sylphide. Fiz a reconstrução de acordo com o que vivi como bailarino e também trabalhei com anotações que havia no Museu da Ópera de Paris.

Uma história atemporal

Galizzi: A história desse balé traz temas totalmente atuais nas relações humanas: amor, ódio, paixão, o bem e o mal, o casamento e a liberdade, etc. Quando você se apaixona por alguém, sempre pensa que isso é maior do que você, que a pessoa é uma deusa. Dois, três anos mais tarde, é uma bruxa. Aí estão as duas personagens do balé. Quando você se apaixona, se apaixona por um ideal, depois descobre outras coisas. Por isso eu acho que os balés não são nem velhos, nem fora de moda. Se estão bem feitos, e com a emoção que têm que ter, a gente acredita. James não tem duas noivas, duas namoradas, mas há sempre um terceiro que ronda à nossa volta e aponta um outro caminho. Este balé é romântico e a maldade aparece com muita força, concentrada de alguma forma no xale enfeitado. Há também uma conotação psicológica, uma questão que tem a ver com a feminilidade. A bruxa é um personagem maléfico, mas ao realizar esse malefício a fim de matar a La Sylphide para se vingar de James, de alguma forma também está matando uma parte da sua própria feminilidade: ela também é uma mulher, e assim como a La Sylphide, vinculada ao reino do sobrenatural. Talvez seja despeito pelo seu próprio fracasso feminino, por ela não ter um amor. É uma mulher contra outra mulher, e isso é como ferir a si mesmo.





O ambiente

Galizzi: No primeiro ato estamos dentro da casa de James. A comunidade é simples, são famílias camponesas que se auto-protegem para sobreviver. Esse ato é marcado pela dança folclórica com os festejos do casamento e reconhecemos as famílias pelas cores de suas roupas. Gurn é o administrador geral da fazenda, por isso, é uma pessoa importante dentro da casa de Ana e James. E há ainda os músicos e a criada, pessoas que vivem na fazenda. E, o segundo ato tem o academicismo da dança clássica, onde aparecem os personagens imateriais. A La Sylphide é um sonho, um ideal, então ninguém vê só quem busca este ideal. Mas no momento que ela se materializa o sonho morre e por isso ela se vai no segundo ato.

Pantomima e música

Galizzi: A pantomima - a arte de narrar com os gestos - é uma parte muito importante sobretudo da bruxa, quando diz o que vai acontecer e o que não, lendo a mão das moças. Sem a música, no entanto, não se entende nada, absolutamente. Na minha visão a música de Lovenskjold é muito dançante. A música é muito importante, porque você pode dançar de diferentes maneiras, mas tem que ser musical, viver a dança e ter o personagem em você.

Figurinos

Beth Filipecki: Quando fui chamada para assinar os figurinos do primeiro ato me perguntei: O que eu conseguiria trazer para que o figurino acrescentasse um significado para a obra? Me deparei com três pontos para encontrar a estética da obra: a ordem

simbólica de uma peça romântica; a poética que o coreógrafo escolheu e o olhar da diretora de combinar a tradição com a modernidade; e a ordem material de encontrar materiais para representar a tradição na contemporaneidade. Foi um grande desafio, porque tivemos que pintar e fazer tecidos; fazer render o material para poder plotar o que a gente não tinha. Mérito também de Sandra Fukelman que incansavelmente realizou essa tarefa de confeccionar. Nós temos como base o cinza que neutraliza e harmoniza. A cor tradicional da família de James tem preto e vermelho, tem intensidade e a aproximação do amor. Na família de Nancy os tons são os verdes, uma mistura do espaço simbólico entre o universo da floresta e da casa. Os bruxos e a bruxa que tem os verdes, os lilases, do mundo simbólico que transpassa os universos do real e do imaginário. A terceira família é cinza amarronzado e o Gurn usa os tons da terra.

Marilda Fontes: *La Sylphide* é um dos primeiros grandes balés, que marca uma época, e ao mesmo tempo transpõe o tempo. O *tutu* romântico presente no segundo ato transforma as bailarinas em seres encantados. Aqui elas são seres da floresta, que aparecem e desaparecem. Hoje em dia nos figurinos temos uma gama de tecidos diferentes, isso traz modernidade. Nas peças usamos o tule, que é tradicional no balé para a roupa da bailarina, com um corte especial para dar esse tipo de leveza com um caimento diferenciado. É uma obra que segue o roteiro é sempre uma surpresa quando a cortina se abre. Para fazer a asinha tentamos usar um material que lembrasse bem a asa de bicho, inseto, seres, mas a *La Sylphide*, ela tem um detalhezinho no final, que ela perde as asas, então quando nós chegamos a uma asa que acreditamos ser a melhor nos lembramos que as asas caem e que o material fazia





barulho, aí voltamos novamente o processo e enfim chegamos a um consenso, fizemos uma asa que permanecia com o design da antiga, porém com um material que não faz barulho quando cai.

Cenografia

Marco Lima: Pesquisei como eram as casas do interior da Escócia, que é o lugar onde se passa o primeiro ato. Criei um cenário que ocupa todo o espaço do palco e “abraça” o balé: uma casa tridimensional, real, colocada no centro no palco. Ao fundo temos a floresta, que traz esse universo fantástico das fadas e bruxas e que se revela no segundo ato, com suas árvores retorcidas, galhos e folhas da época. Quando a cortina se abrir será como entrar no túnel do tempo. Também tivemos o desafio de escolher os melhores materiais para a confecção das peças, foi preciso pensar como colocá-las em cena, entender as entradas e saídas dos bailarinos para que o cenário não atrapalhasse, construir tudo com o tamanho adequado para que nada ficasse preso nas laterais. Sem contar que ainda temos que lidar com a gravidade dos vôos das sylphides e com o que vem para a cena das quarteladas (marcações e recortes no piso do palco que facilitam os movimentos de cenários, bailarinos, atores e elementos da cena). É um quebra-cabeça, mas é ele que traz a magia para o espetáculo.

Iluminação

Jose Luis Fiorruccio: *La Sylphide* é um balé romântico composto por cenas reais e outras mágicas e sonhos, e o Mario Galizzi pede ao iluminador para acentuar estas diferenças criando climas distintos para auxiliar a percepção das diferentes situações dramáticas da obras. Essas transições devem acontecer suavemente ampliando as sensações, para que o público não se atente à mudança da luz, mas perceba o clima da cena.

Interpretação

Vivien Backup: Meu ponto de partida para este trabalho foi uma pesquisa sobre a história da obra e depois com um exercício de busca sobre o que estava no seu entorno. Compilei uma série de imagens que criaram um suporte para o trabalho de interpretação, quase como se pudesse criar um texto para o bailarino. Propus que cada um deles fizesse uma pesquisa das personagens, dos elementos da história, da coreografia, das curiosidades e que aos poucos desenvolvessem um diário de relação; só depois passamos a desenvolver alguns exercícios em sala para que eles pesquisarem as situações dos personagens e pudessem dar sentido à elas. A história só se desenvolve depois que o bailarino domina a técnica, sabe quem é enquanto personagem e como ele se relaciona com o outro. A história se constrói nesta relação, porque personagem não existe: ou ela é literatura, ideia, passo coreográfico, proposta. Ele só passa a existir a partir do intérprete, quando encontra nele o lugar das questões do personagem.

“O que mais dizer sobre este espetáculo notável? É verdade que sempre existe uma possibilidade de alcançar um nível mais alto, e podemos presumir que após outro ano de trabalho, a trupe se exibirá com mais brilho ainda na criação de *La Sylphide* (Bournonville) prevista para 2014. Mas, desde já, devemos afirmar que, além da Companhia de Dança do Estado de São Paulo, não existe, provavelmente, outra no Brasil que seja melhor vitrine ao mesmo tempo da dança clássica e da dança contemporânea”.

**por Roland Clauzet | Revista La Danse, França |
janeiro, 2014**



Currículo dos criadores



COREOGRAFIA | **Mario Galizzi** é um dos mais importantes remontadores de obras clássicas da atualidade. Foi bailarino do Balé do Teatro Colón na Argentina, do Ballet de Hannover e do Ballet de Frankfurt, na Alemanha. Foi diretor do Balé do Teatro Colón e do Teatro de La Plata na Argentina. Atualmente leciona no Instituto Superior de Arte del Teatro Colón, no Taller de Danza Contemporánea e no Ballet del Teatro San Martín, em Buenos Aires. É assessor artístico da diretoria do Teatro Colón e do Ballet Nacional Sodre, mestre de balé que formou importantes bailarinos que hoje atuam em diferentes companhias do mundo. Além de *La Sylphide*, remontou *Le Spectre de la Rose* e o *Grand pas de Deux de O Cisne Negro* para a São Paulo Companhia de Dança.



MÚSICA | **Herman von Lovenskjoeld** ou **Løvenskiold** (1815-1870), nasceu em Holmestrand (Noruega). Sua grande desenvoltura para melodia e instrumentação impressionou August Bournonville (1805-1879), que em 1835 encomendou ao jovem a música para a montagem de *La Sylphide*. Versátil, compôs obras musicais de diversos gêneros, como concertos para piano, o *Singspiel* (espécie de teatro musicado) *Hulen i Kullafjeld* (1839), o balé *Den ny Penelope* (1847), a ópera *Turandot* (1854) e a abertura *Fra skoven ved Furesø* (1863).



FIGURINO | **Beth Filipecki** é figurinista há mais de 30 anos e cria para teatro, televisão e cinema. No início dos anos 80, contribuiu pela primeira vez com a dança ao assinar o figurino e a caracterização de *A Viúva Alegre* (1982) e *Madame Butterfly* (1983), para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Tem grande experiência em reconstituição de época e colaborou com novelas e minisséries da Rede Globo como: *O Tempo e o Vento* (1985), *Renascer* (1993), *Por Amor* (1997), *Força de um Desejo* (1999); *O Cravo e a Rosa* (2000); *Os Maias* (2001), *Senhora do Destino* (2004), *Cobras e Lagartos* (2006) e outras.



FIGURINO | Marilda Fontes é figurinista especializada em dança. Dançou obras como *Giselle* e *O Quebra-Nozes*, em montagens do Teatro Guaíra (Curitiba). Foi bailarina do Ballet Stagium (São Paulo). Em 1999 no Rio de Janeiro abriu sua própria marca, especializada em figurinos e acessórios para dança, teatro, ópera, musicais e televisão. Suas criações vestem grandes nomes da dança, como Cecília Kerche, Ana Botafogo, Thiago Soares, Marcelo Gomes, Claudia Mota, entre outros. Recebeu o prêmio de melhor figurino em importantes festivais de dança do Brasil e exterior.



CENÁRIO | Marco Lima é cenógrafo, figurinista e bonequeiro há mais de 30 anos. Em 1983, fundou a companhia de teatro de bonecos A Cidade Muda. Entre suas principais criações em cenografia para teatro, figuram *Três Dias de Chuva* (2013); e *Vidas Privadas* (2014). Criou os bonecos da série infantil da TV Brasil *Igarapé Mágico* (2013) e dos espetáculos teatrais *O Pequeno Príncipe* (2006) e *Pedro e o Lobo* (2008). Concebeu figurino e cenografia para *Édipo Rei* (2003) e *Uma Trilha para Sua História* (2013), entre outras montagens.



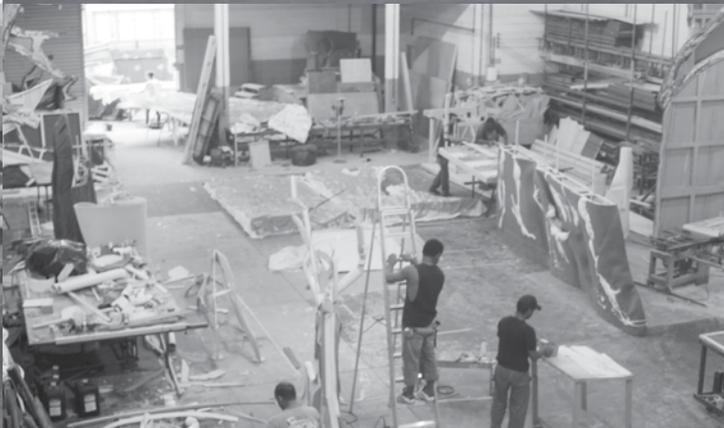
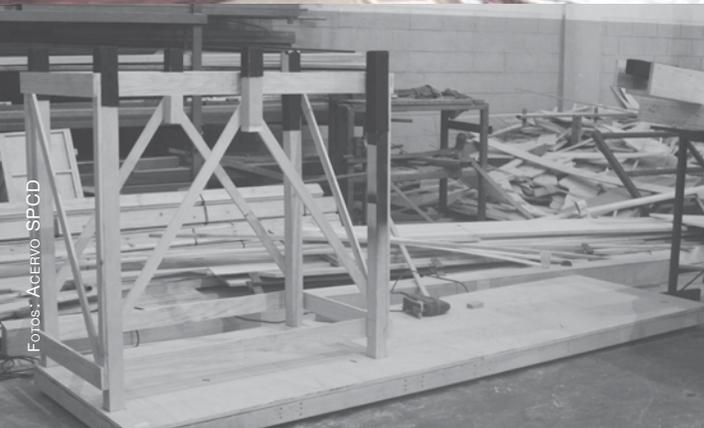
ILUMINAÇÃO | José Luis Fiorruccio foi diretor técnico do Teatro Colón e de seu departamento de iluminação, função que exerce até os dias de hoje. Em 1984, especializou-se em iluminação cênica na Universidade da Califórnia. Nos últimos 15 anos, realizou o desenho de luz de grandes óperas e balés. Trabalhou com grandes companhias como o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o Teatro Municipal de Santiago do Chile. Foi diretor técnico do Festival Internacional de Buenos Aires (FIBA) em 2013 e atua em projetos de modernização de salas de teatro.





YOSHI SUZUKI, PAMELA VALIM, MICHELLE MOLINA,
ARTEMIS BASTOS E RODOLFO SARAIVA COMO JAMES,
EFFIE, MADGE, NANCY E GURN





CONSTRUÇÃO E PINTURA DE CENÁRIO





PROGRAMA 2

DE 26 A 29 DE JUNHO

POR VOS MUERO DE NACHO DUATO

IN THE MIDDLE, SOMEWHAT ELEVATED DE WILLIAM FORSYTHE

PETITE MORT DE JIRÍ KYLIÁN





Foto: WILIAN AGUIAR

ALINE CAMPOS E BRUNO VELOSO
EM *PETITE MORT*

Continuidades e rupturas

O programa desta noite reúne obras de três grandes nomes da dança: Nacho Duato, artista da geometria das linhas e do uso dinâmico do espaço e das formas; William Forsythe, coreógrafo da ruptura, do equilíbrio no desequilíbrio; Jirí Kylián, um mestre das continuidades.

Em *Por Vos Muero* (1996), a poesia imanta as cenas, e a música estrutura a dança, revelando temas como religiosidade, paixão, vida e morte. Duato se inspirou na Espanha, nos versos do poeta renascentista Garcilaso de la Vega (1501-1536), conhecido como “o príncipe dos poetas castelhanos”, e em músicas espanholas dos séculos XV e XVI. Para o coreógrafo, “é uma homenagem ao papel essencial da dança na vida cotidiana das pessoas no passado”.

Amor, desejo, tristeza e alegria emergem em vinhetas dançadas e entremeadas pelos versos de Garcilaso na voz de Miguel Bosé. Esses versos foram traduzidos aqui pelo poeta Nelson Ascher. Os trechos selecionados falam do amor e da paixão do poeta por dona Isabel Freyre. Uma paixão delicada, terna e profunda, que não é correspondida. Há uma melancolia que nasce do conflito entre o ideal sonhado e as impurezas e dificuldades da realidade. Na cena, homens e mulheres se deparam com angústias e desejos. Seus gestos são fluidos, com muitas reverberações no tronco e nos braços. Infinitas espirais tomam o palco, reunindo e contrapondo o grupo de bailarinos. O movimento é contínuo, com pontuações agudas, exploradas em solos, duos, trios e grupos. Cada coro se renova na simetria e na nostalgia dos corpos. Os poemas são musicais, com cadências suaves e com clareza e sobriedade nas palavras.

Para Duato, a música é o pilar no qual seu trabalho se apoia. O encontro da música espanhola dos séculos XV e XVI com movimentos de dança clássica e contemporânea, num roteiro dramático e poético, sugere relações humanas

atemporais, contrastando a formalidade do passado com a urgência do nosso tempo. Essas músicas espanholas são dirigidas pelo grande músico catalão Jordi Savall e interpretadas por ele e seu conjunto Hespèrion XX (hoje, Hespèrion XXI), fundado em 1974. O grupo utiliza instrumentos de época como violas, alaúdes, flautas de madeira, tambores marroquinos e rabeca.

In the Middle, Somewhat Elevated (1987), obra de Forsythe, marca a história da dança por transformar a linguagem clássica ao propor uma continuação da pesquisa iniciada por George Balanchine (1904-1983), expandindo as possibilidades do movimento no espaço. Para os bailarinos, são vários os desafios: levar o movimento ao limite de sua expansão no espaço sem perder o equilíbrio; estar no acento da música; revelar intimidade com a linguagem; e, ao mesmo tempo, manter a individualidade. Aqui, o coreógrafo utiliza a forma tradicional de composição de um tema com variações. O tema de abertura passa de um corpo a outro, se desenvolve, se modifica e se transforma no corpo de cada um, em variações rápidas e arrojadas que combinam movimentos de solos, duos e conjunto.

Para o cenário, o coreógrafo havia pensado em vários objetos cotidianos, pendurados por fios invisíveis. Depois dessa ideia inicial, optou pela síntese, traduzida por duas cerejas, que ganharam um significado simbólico: dois pequenos espelhos que refletem a sala de espetáculos. O título da obra se refere a essas duas cerejas “no meio, um pouco elevadas”. Com música especialmente composta por Thom Willems, a peça se baseia na percepção da velocidade – rapidez e lentidão.

Em *Petite Mort* (1991), vemos a mestria de Kylián na arte dos duos – um corpo desliza pelo outro, funde-se com ele e surge do outro lado, em movimento contínuo. *Petite Mort* foi criada para o Festival de Salzburgo, nas comemorações do segundo centenário da morte de Mozart (1756-1791). Duas obras do compositor austríaco servem de trilha ao título: o Concerto para Piano em Lá Maior, KV 488 (“Adagio”), e o *Concerto para Piano em Sol Maior, KV 467* (“Andante”). “Trilha” no sentido estrito: caminho e forma. A coreografia lê a música; cada mudança musical tem um equivalente coreográfico. Os corpos acentuam e multiplicam a música.

O cenário é mínimo, os figurinos também. Nesse contexto, qualquer intervenção tem enorme efeito. É o caso da passagem de um tecido, carregado pelos homens, encobrindo a entrada e saída das mulheres. Ou do uso dos corpos como cenário. Ou dos fólhos: falsos vestidos setecentistas, de madeira, que se movem com ou sem as bailarinas. Ou ainda do florete que, no início, está equilibrado na ponta do dedo de cada um dos rapazes enquanto estes, na penumbra no fundo do palco, caminham de costas para o público e de frente para as mulheres. Uma dança sexual e sensual, suave e forte. A música de Mozart não tem nenhuma ironia e canta o que está por dentro, quando os corpos estão morrendo uns com os outros.

Vistas lado a lado, as coreografias revelam distintos caminhos da dança clássica na contemporaneidade — partem dos passos clássicos e reveem de dentro a própria linguagem. Da quase imobilidade ao extremo movimento, as obras levam os corpos a seus limites. Em cada dança, a vida revela o encontro de corpos e afetos e reverbera dentro de nós.

Inês Bogéa

Diretora Artística da São Paulo Companhia de Dança



Por Vos Muero (1996)

Criada para a Compañía Nacional de Danza (CND), de Madri, em 1996

Estreia pela São Paulo Companhia de Dança em 2013, em São Paulo

Coreografia: Nacho Duato

Música: Jordi Savall - Música antiga espanhola

Desenho de luz: Nicolás Fischtel

Poemas: Garcilaso de La Vega

Voz: Miguel Bosé

Remontagem: Thomas Klein e Tony Fabre (1964-2013)

Organização: Carlos Iturrioz Mediart Producciones SL (Spain)

Execução de cenário e figurino: FCR | Fábio Brando

Elenco: Luiza Yuk* ou Aline Campos**, Ana Paula Camargo, Letícia Martins* ou Ammanda Rosa**, Olívia Pureza, Morgana Cappellari* ou Thamiris Prata**, Pamela Valim, Geivison Moreira* ou André Grippi**, Rafael Gomes, Bruno Veloso* ou Diego de Paula**, Joca Antunes, Nielson Souza* ou Leony Boni**, Yoshi Suzuki

*Apresentações nos dias 26 e 28 de junho | ** Apresentações nos dias 27 e 29 de junho

Os demais se apresentam todos os dias

A coreografia de Nacho Duato utiliza a dança clássica e contemporânea para sugerir atemporalidade nas relações humanas. A fusão de músicas antigas espanholas revela uma dança fluída e ritmada que remete há outros tempos, mas é atemporal. A obra é uma homenagem ao papel fundamental da dança na vida das pessoas.

“A São Paulo Companhia de Dança se consolidou como um dos principais grupos de dança brasileiros. O ineditismo e a ousadia das propostas da SPCD fazem do grupo alvo das mais sérias e instigantes reflexões sobre a dança na contemporaneidade.”

por Revista Concerto | São Paulo (SP) | abril, 2014

O poeta Nelson Ascher traduziu os diversos trechos de poemas de Garcilaso de La Vega que são declamados por Miguel Bosé durante a coreografia de *Por Vos Muero*.

*Estoy continuo en lágrimas bañado
Rompiendo siempre el aire com suspiros
Y más me duele el no osar deciros
Que he llegado por vos a tal estado*

*Canción, yo he dicho más que me mandaron
Y menos que pensé
No me pregunten más, que lo diré.*

*¿ Qué testimonios son éstos
Que le queréis levantar?
¡ Que no fue si no bailar!*

*¿ Esta tiene por gran culpa?
No lo fue, a mi parecer,
Porque tiene por disculpa que lo hizo la mujer.*

*Ésta le hizo caer
Mucho más que no el saltar
Que hizo con el bailar.*

*Nadie puede ser dichoso, señora,
Ni desdichado,
Sino que, os haya mirado*

Estou sem pausa em lágrimas banhado,
Rompendo sempre com suspiros o ar,
E o pior é que não ousou vos contar
Que é por vós que me encontro nesse estado;

Canção, eu disse mais do que mandaram
E menos que pensei;
Não me perguntem mais, porque eu direi.

“Que acusações são estas
Que vós lhe quereis lançar?
Tudo o que fez foi dançar.”

Tem-se isto por grande culpa?
Mas não o foi, a meu ver,
Porque tem como desculpa
Ter sido obra da mulher.

Esta o levou a cair
Muito mais do que o saltar
Que realizou ao dançar.

Ninguém pode ser, senhora,
Nem feliz nem desgraçado
A não ser que te haja olhado.

*Porque la gloria de veros
En ese punto se quita
Que se piensa mereceros,
Así que, sin conoceros,
Nadie puede ser dichoso, señora,
Ni desdichado,
Sino que, os haya mirado.*

*La gente se espanta toda
Que hablar a todos distes
Que um milagro que hicistes
Hubo de ser en la boda*

*Pienso que hábeis de venir
Si vais por ese camino
A tornar el agua en vino
Cómo el danzar en reir*

*¡Oh hado ejecutivo en mis dolores,
Cómo sentí tus leyes rigurosas!
Cortaste el árbol con manos dañosas,
Y esparciste por tierra fruta y flores.*

*En poco espacio yacen mis amores
Y toda la esperanza de mis cosas,
Tornadas en cenizas desdeñosas,
Y sordas a mis quejas y clamores.*

Ilustração de Renato Moriconi para o folheto para estudantes de *Por Vos Muero*



Pois o júbilo de ver-te
Some se se chega ao ponto
De se julgar merecer-te,
Portanto, sem conhecer-te,
Ninguém pode ser, senhora,
Nem feliz nem desgraçado
A não ser que te haja olhado.

As pessoas estão todas
Pasma, que a falar puseste
De um milagre que fizeste
Justamente numas bodas;

Hás ainda, a meu juízo,
Caso sigas tal caminho,
De transformar água em vinho
Como antes a dança em riso.

Destino causador de minhas dores,
Como eu senti o rigor de tuas leis
Pela terra espalhando fruta e flores,
Cortaste a árvore com mão cruéis.

Em pouco espaço jazem meus amores
Bem como as esperanças minhas. – Eis
Que em cinzas que desdenham meus clamores
E aos meus ais surdas, tudo se desfez.

*Las lágrimas que en esta sepultura
Se vierten hoy en día y se vertiero
Recibe, aunque sin fruto allá te sean,*

*Hasta que aquella eterna noche oscura
Me cierre aquestos ojos que te vieron,
Dejándome con otros que te vean.*

*Escrito está en mi alma vuestro gesto
Y cuanto yo escribir de vos deseo
Vos sola lo escribiste: e yo lo leo
Tan solo que aún de vos me guardo en esto*

*En esto estoy y estaré sempre puesto
Que aunque no cabe en mí cuanto
en vos veo*

*De tanto bien lo que no entiendo creo
Tomando ya la fe por presupuesto*

*Yo no nací sino para quererlos;
Mi alma os ha cortado a su medida;
Por hábito del alma misma os quiero;*

*Cuanto tengo confieso yo debero;
Por vos nací, por vos tengo vida
Por vos he de morir y por vos muero*

O pranto, pois, que nesta sepultura
Já se chorou e ainda hoje se chora,
Recebe, embora ali te chegue em vão,

Até que feche, a eterna noite escura,
Meus olhos que te viram viva outrora
E outros olhos me dê, que te verá.

Vosso semblante levo na alma inscrito
E tudo o que escrever de vós anseio,
Vós sozinha o escrevestes -- eu o leio
Tão só, vos respeitando mesmo nisto.

Mas algo em que hoje e no porvir persisto,
Embora em mim não caiba quanto exposto
Já vi de vós, com fé por pressuposto,
No bem que não entendo eu acredito.

Nasci só para amar-vos com empenho;
Minh'alma vos talhou à sua medida;
Minh'alma que, habituada, vos adora;

Confesso vos dever tudo o que tenho;
Por vós nasci, por vós eu tenho vida,
Por vós eu morreria e morro agora.

*** As separações indicam trechos de diferentes poemas

Texto em itálico - Trechos do soneto que não estão presentes na narrativa da coreografia





FOTOS: SILVIA MACHADO E WILIAN AGUIAR

In the Middle, Somewhat Elevated (1987)

Criada para o Ballet de l'Opéra de Paris em 1987

Estreia pela São Paulo Companhia de Dança em 2012, em São Paulo

Coreografia, cenografia, figurino e iluminação: William Forsythe

Música: Thom Willems

Remontagem: Agnès Noltenius

Elenco: Aline Campos* ou Morgana Cappellari**, Luiza Lopes* ou Renata Alencar**, Ana Paula Camargo, Artemis Bastos, Roberta Bussoni, Thamiris Prata, Diego de Paula, Nielson Souza, Rafael Gomes* ou Yoshi Suzuki**

*Apresentações nos dias 26 e 28 de junho | ** Apresentações nos dias 27 e 29 de junho

Os demais se apresentam todos os dias

Uma peça de William Forsythe baseada na percepção da velocidade – rapidez e lentidão. O coreógrafo se vale da linguagem da dança clássica para escrever histórias de hoje. A música de Thom Willems apresenta acelerações e desacelerações que dialogam com a coreografia.

“A São Paulo Companhia de Dança sabe como apresentar obras dos melhores coreógrafos em espetáculos que envolvem e conquistam grandes plateias. A Companhia é um grupo de repertório e escolhe coreografias para programas que podem ser acessados pelo público. Esta abordagem artística revela-se em representações tradicionais, do neoclássico à dança contemporânea. Uma conquista impressionante por si só (...) O terceiro trabalho deste programa é a obra-prima de William Forsythe - *In The Middle, Somewhat Elevated* - em que o coreógrafo utiliza formas tradicionais do balé clássico para criar variações. Os pés na ponta representam o eixo para uma dança expressiva e há uma sensação de que Forsythe parte de uma posição original que se transforma em seus desdobramentos, para em seguida retomá-la em pontos comuns. Tudo acontece entre a vontade de dançar e a capacidade de executar uma música quase impossível. Um espetáculo maravilhoso.”

por Anat Zaharia | Yediot Ahronot, Israel, Tel Aviv | maio de 2014



Fotos: WILIAN AGUIAR

Petite Mort (1991)

Criada para o Festival de Salzburgo (Áustria) em 1991

Estreia pela São Paulo Companhia de Dança em 2013, em São Paulo

Coreografia: Jirí Kylián

Assistente de coreografia: Patrick Delcroix

Músicas: Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791); *Concerto para Piano em Lá Maior, KV 488* (Adagio) e *Concerto para Piano em Sol Maior, KV 467* (Andante)

Genografia: Jirí Kylián

Desenho de figurino: Joke Visser

Desenho de luz: Jirí Kylián (concepção), Joop Caboort (realização)

Supervisão técnica de luz e palco: Kees Tjebbes

Remontagem para a SPCD: Patrick Delcroix

Elenco: Aline Campos* ou Ana Paula Camargo**, Ammanda Rosa* ou Letícia Martins**, Michelle Molina* ou Roberta Bussoni**, Thamiris Prata* ou Ana Roberta Teixeira**, Luiza Yuk* ou Luiza Lopes**, Morgana Cappellari* ou Pamela Valim**, Diego de Paula* ou Nielson Souza**, Yoshi Suzuki* ou Daniel Reça**, Geivison Moreira* ou Leony Boni**, André Grippi* ou Rodolfo Saraiva**, Joca Antunes* ou Lucas Axel**, Bruno Veloso* ou Lucas Valente**

*Apresentações nos dias 26 e 28 de junho | ** Apresentações nos dias 27 e 29 de junho

Embasando-se em dois concertos de Mozart para piano, a obra para seis homens e seis mulheres tem como tema principal o prazer e a duração desse momento, no qual somos lembrados de que a vida é relativamente curta e a morte nunca está longe de nós. “A morte sempre acompanha a nossa vida”, diz Kylián. “Ela às vezes é pequena, às vezes grande. Mas é a companheira fiel que temos desde que nascemos, até o fim.”

“Inaugurada em janeiro de 2008, a São Paulo Companhia de Dança é um exemplo de grupo de arte concretamente dedicado a três eixos: produção artística, formação e manutenção da memória.”

por Mayara Araújo | Diário do Nordeste, Fortaleza (CE) | janeiro, 2014

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE ESPETÁCULOS



A SPCD se apresenta no Brasil e exterior. Foi vista por mais de 340 mil pessoas em mais de 390 apresentações, realizadas nas seguintes cidades:

No Estado de São Paulo

Americana
Araçatuba
Araraquara
Bauru
Botucatu
Campinas
Campos do Jordão
Caraguatatuba
Catanduva
Espírito Santo do Pinhal
Garça
Ilhabela
Indaiatuba
Itatiba
Jaú
Jundiá
Limeira
Mongaguá
Mogi das Cruzes

Mogi Guaçu
Ourinhos
Paulínia
Paraguaçu Paulista
Piracicaba
Poá
Praia Grande
Presidente Prudente
Ribeirão Preto
Rio Claro
Salto
Santa Bárbara d'Oeste
Santo André
Santos
São Carlos
São João da Boa Vista
São José do Rio Preto
São José dos Campos
São Paulo
São Simão

Sorocaba
Tatuí
Valinhos

Em outras cidades do Brasil

Belém
Belo Horizonte
Curitiba
Fortaleza
Goiânia
João Pessoa
Joinville
Porto Alegre
Recife
Rio de Janeiro
Salvador
São Luís
Vitória

No exterior

Assunção / Paraguai
Baden-Baden / Alemanha
Beer Sheva/ Israel
Bregenz / Áustria
Buenos Aires / Argentina
Fulda / Alemanha
Haia / Holanda
Haifa / Israel
Herzliya / Israel
Ludwigsburg / Alemanha
Ludwigshafen / Alemanha
Montevideu / Uruguai
Neuss / Alemanha
Petah Tikva / Israel
Rosario / Argentina
Wolfsburg / Alemanha

Confira a programação completa no site da Companhia:
www.spcd.com.br



Desde 2008, mais de 64 mil pessoas participaram dos *Programas Educativos e de Formação de Plateia para a Dança*, que aproximam o público do universo da dança por meio de:

Espectáculos Abertos para Estudantes e Terceira Idade
Palestras para os Educadores
Oficinas de Dança
Dança em Rede

“Nas séries de apresentações para estudantes e terceira idade, a direção prepara um momento único de interação da plateia com os bailarinos. Desenvolve dinâmicas de movimento, para que ela assimile noções de espacialidade; leva alguns espectadores para o palco; e testa-lhes a habilidade de, por exemplo, ajudar uma bailarina a equilibrar-se em uma sapatilha de ponta. Como tal contato acontece antes da apresentação, o que se vê na plateia são pessoas solidárias ao trabalho do dançarino, já que compreenderam - ainda que parcialmente - o desafio de subir no palco.”

por Mayara Araújo | *Diário do Nordeste, Fortaleza (CE)* | janeiro, 2014



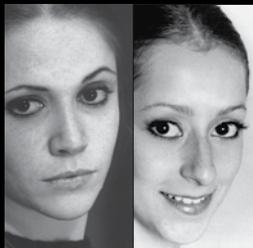
2013



2012



2011



2010



2009



2008



Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias, e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança* que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta com 26 episódios: Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Marilena Ansaldi, Penha de Souza, Antonio Carlos Cardoso, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Ruth Rachou, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Carlos Moraes, Márcia Haydée, Décio Otero, Sônia Mota, Célia Gouvêa, Ana Botafogo, Ismael Ivo, Lia Robatto, Marilene Martins, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers, Janice Vieira, Cecília Kerche, J.C. Violla e Eva Schul. Em 2014, iremos conhecer a trajetória de mais quatro personagens: Paulo Pederneiras, Mara Borba, Eliana Caminada e Jair Moraes.

Em 2008, os documentários foram dirigidos por Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebesco (Pipoca), em 2009 por Inês Bogéa e Sérgio Roizenblit, em 2010 por Inês Bogéa e Moira Toledo e desde 2011 tem direção de Inês, diretora da São Paulo Companhia de Dança.

A dança continua viva nas palavras e nas imagens.
Conheça os livros da Companhia.

Descubra os bastidores da SPCD na série de documentários
Canteiro de Obras.





MORGANA CAPPELLARI EM
POR VOS MUERO

“Mais que apresentar espetáculos, a SP Companhia de Dança consolida sua trajetória nas artes brasileiras mantendo em paralelo às criações um calendário de publicações voltado à preservação da memória da dança que faz. ‘Jogo de corpo – Ensaios sobre a São Paulo Companhia de Dança’ já é o quinto livro voltado para este objetivo. Organizado por Inês Bogéa e publicado pela Martins Fontes, o volume de 254 páginas dissectiona o que foi a produção de 2013, com ensaios e reportagens publicadas sobre o grupo.”

por Carolina Braga | Estado de Minas, Belo Horizonte (MG) | janeiro, 2014

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN

Governador do Estado

MARCELO MATTOS ARAUJO

Secretário de Estado da Cultura

MARIA THEREZA BOSI

Coordenadora da Unidade de Fomento e Difusão da Produção Cultural

ORGANIZAÇÃO SOCIAL ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Presidente | José Fernando Perez

Vice-presidente | Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro

Membros | Beatriz Hack | Eduardo Bernardes da Silva | Eric Klug | João Roberto Vieira da Costa | Jorj Petru Kalman | Lygia da Veiga Pereira Carramaschi | Philippe Reichstul | Ricardo Campos Caiuby Ariani | Ricardo Cavalieri Guimarães | Rodolfo Villela Marino | Walter Appel

CONSELHO FISCAL

Presidente | José Abramovicz

Membros | Durval Borges Morais | Joaquim José de Camargo Engler

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO

Inês Bogéa

SUPERINTENDÊNCIA

Luca Baldovino | José Galba de Aquino

ENSAIO

Coordenadora e Ensaíadora | Karina Mendes

Professores Ensaíadores | Ilara Ferreira Lopes | Milton Coatti | Guivalde de Almeida

Professor Ensaíador Convidado | Renato Paroni

Assistente de Coreografia | Giovanni Di Palma

Assistente de Ensaio | Beatriz Hack

Bailarinos | Aline Campos, Ammanda Rosa, Ana Paula Camargo, Ana Roberta Teixeira, Anna Carolina Barbosa Truzzi, André Grippi, Andressa Ribeiro, Artemis Bastos, Beatriz Hack, Binho Pacheco, Bruno Veloso, Carolina Pais, Cauê Frias, Cíntia Pimentel, Daniel Reça, Danyla Bezerra, Diêgo de Paula, Emmanuel Vazquez, Éverson Galvão Botelho, Fernanda Verardo, Flávio Everton da Conceição, Geivison Moreira, Glauber Vaz, Igor Silva, Isabela Maylart, Joca Antunes, Jonas Moraes, Larissa dos

Santos, Leony Boni, Letícia Martins, Lucas Axel, Lucas Valente, Lúcio Kalbusch, Luiza Del Rio, Luiza Lopes, Luiza Yuk, Mariana Carossa, Michelle Molina, Morgana Cappellari, Nielson Souza, Olivia Pureza, Pamela Valim, Rafael Gomes, Raphael Panta, Renata Alencar, Renée Weinstrof, Roberta Bussoni, Rodolfo Saraiva, Ruan Martins, Tendo Pereira, Thamiris Prata, Vinícius Vieira, Yoshi Suzuki

Pianistas | Rosely Chamma | Rosemary Sandri Pavanelli

Auxiliares de Ensaio | Diego Araújo de Souza | Mariana de Menezes Guedes

Estagiária | Giovanna Sartori Pereira

PRODUÇÃO

Coordenador | Antonio Magnoler

Coordenador Técnico | Luiz Antônio Dias

Produtor Executivo | Marcio Branco

Produtor Técnico | Luiz Alex Tasso

Assistentes de Produção | André Souza | Fernando Pecoits

Iluminadores | Guilherme Paterno | Sueli Matsuzaki

Técnico de Som | Sérgio Paes

Maquinista | Thiago Merij

Assistente de Palco | Espedito Peixoto dos Santos

Camareiras | Elizabeth Roque | Vera Lúcia Pereira

EDUCATIVO E COMUNICAÇÃO

Coordenadora | Marcela Benvegno

Assistentes de Educativo | Bruno Cezar Alves | Cláudia Trento

Assistentes de Comunicação | Paula Quaresma

Freitas | Thiago Augusto de Souza

Assistente de Marketing | Ronnie Assis Magalhães

Produtor | Rodrigo Sena

Assistente de Produção | Ana Luiza Brólio de Paula

Diagramadora | Janaina Seolin

Auxiliar de Educativo | Érika Muniz

Estagiários | Caroline Puzoni Silva | Fernando Rodrigues Fonseca

MEMÓRIA

Coordenador | Charles Lima

Produtora | Juliana Durães

Assistente de Memória | Larissa Helena da R. Martins

Assistente de Audiovisual | Carlos Yamamoto
Estagiária | Paula Montingelli

ADMINISTRAÇÃO

Coordenador | Marcio Tanno

Controller | Alexandre Augusto dos Santos

Assessora de Direção | Morgana Lima

Assistente de Direção | Jacqueline Gimenes

Assessora Administrativo-Financeiro | Cristiane Aureliano

Analista Administrativo-Financeiro | Eduardo Bernardes da Silva

Assistente Contábil | Diego Mendes Martins

Analista de TI | Marco Aurélio Piton

Assistentes Administrativo-Financeiro | Carlos

Soares | Felipe Gozzi Figueiredo | Jeferson de Souza Dias

Auxiliares Administrativo-Financeiro | Edmilson Evangelista dos Santos | Ana Carolina Florêncio Nogueira

Arquivista | Maria Fernanda Freitas

Almoxarife | Guilherme de Souza

Auxiliar de Departamento Pessoal | Nilda Maria da Silva

Recepcionista | Evangelina Melo

Auxiliares de Serviços Gerais | Anália Pereira de Brito | Gildete Elvira Barbosa Bonfim | Neide dos Santos Nery

Aprendiz | Maiara dos Santos

COLABORADORES

Consultoria Jurídica | Mannrich, Senra e

Vasconcelos Advogados | Barbosa e Spalding Advogados

Consultoria Artística | Guy Darmet

Contratos Internacionais | Olivieri Associados

Contabilidade | Escritório Contábil Dom Bosco

Fornecedor Exclusivo de Sapatilhas | Capezio

Professores Convidados | Ben Huys | Mario Galizzi

Pianistas Convidadas | Nilza Fernandes | Maria Inês

de Vasconcellos | Maria Pompéia Dutra

Serviços de Fisioterapia | Vita Care

Website | VAD – Projetos Multimídia

APAA - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS AMIGOS DA ARTE

José Roberto Sadek
DIRETOR EXECUTIVO

Glaucia Costa
DIRETORA ADMINISTRATIVA

TEATRO SÉRGIO CARDOSO

Dulce Maschio
COORDENADORA

Mônica Bammann
Marcio Gallacci
PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO

Marisis Pacheco
PRODUTORA

Natasha Caroline Araújo
Audilene Freitas
ASSISTENTES ADMINISTRATIVOS

Eduardo Domingues
Ricardo Leite
COORDENADORES TÉCNICOS

Adjanilson Sobrinho
Marcio Mahakala
MAQUINISTAS

Toni Ricardo Bento Alves
Alexandre Zullu
ILUMINADORES

Orlando Rosa de Andrade
ELETRICISTA DE PALCO

ACESSIBILIDADE



acessibilidade
comunicacional

APOIO



REALIZAÇÃO



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



PETITE MORT | CONTRACAPA | LUIZA YUK E YOSHI SUZUKI COMO LA SYLPHIDE E JAMES | FOTÓS: WILIAN AGUIAR







GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

ASSOCIAÇÃO
PRÓ-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA | Rua Três Rios, 363 | Bom Retiro | (11) 3224 -1380
www.spcd.com.br | www.prodanca.art.br | twitter: @spciadedanca